





O SIGNIFICADO DO BATISMO PARA A VIDA CRISTÃ A PARTIR DE ROMANOS 6.1-11¹

The importance of the baptism to Christian life according to Romans 6.1-11

Vítor Hugo Schell²

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve análise das tradições vetero- e intertestamentárias que originaram o batismo cristão e apresenta a partir disso observações exegéticas de Romanos 6.1-11, em que o apóstolo Paulo se utiliza justamente da figura do batismo em sua argumentação a respeito da possibilidade de uma nova forma de vida marcada pelo Evangelho de Jesus Cristo. O artigo enfatiza a identificação presente e contínua do batizado com a obra realizada de forma única e suficiente no passado, na cruz, e com o juízo derradeiro, como eventos escatológicos. Por fim, o presente artigo também pontua algumas breves ponderações a respeito da compreensão paulina de batismo.

Palavras-chave: Batismo. Romanos 6. Paulo. Vida cristã. Lei e Evangelho.

ABSTRACT

This article presents a brief analysis of the traditions from the Old Testament and from

¹ Artigo recebido em 14 de novembro de 2016 e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 2 de dezembro de 2016, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Vítor Hugo Schell é doutor em Teologia pela Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha. É docente desde 2013 na área bíblica com ênfase em Novo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia - FLT, em São Bento do Sul, SC. É pastor da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 2004 e faz parte do Comitê Editorial da Revista Vox Scripturae. E-mail: vitor.schell@flt.edu.br. O presente artigo trata-se de uma versão minimamente modificada do trabalho de conclusão do autor no curso de Bacharelado em Teologia da FLT.

the Intertestamental period that gave rise to Christian baptism and presents exegetical observations from Romans 6.1-11, where the apostle Paul uses precisely the figure of baptism in his argument about the possibility of a new way of life marked by the Gospel of Jesus Christ. The article emphasizes the present and continuous identification of the baptized with the work performed in a unique and sufficient way in the past, on the cross, and with the ultimate judgment, as eschatological events. Finally, this article also points out some brief considerations about the Pauline understanding of baptism.

Keywords: *Baptism. Romans 6. Paul. Christian Life. Law and Gospel.*

INTRODUÇÃO

Qual o significado do batismo para o cristão em seu dia a dia? Buscaremos responder a essa pergunta a partir de considerações exegéticas do texto de Paulo em Rm 6.1-11. Não estaremos tratando a respeito da forma, mas sim, a respeito do conteúdo, da essência do batismo, suas consequências e benefícios. Na verdade, não foi somente Paulo que falou a respeito de um batismo. Outros já falaram a respeito dessa prática, dentro e fora do testemunho bíblico. Estaremos primeiramente verificando as origens do batismo cristão. Seria ele somente uma adaptação de elementos de outras religiões e tradições vetero-testamentárias e do período interbíblico? Por que João Batista aparece no início do Novo Testamento falando sobre um batismo? Paulo fala que “fomos batizados em Cristo Jesus”, e por isso num segundo momento buscaremos compreender as relações existentes entre a morte de Cristo, que aconteceu no passado, de forma única, pontual e a vida cristã, que começa justamente a partir da morte de Cristo. Como, afinal, esses dois momentos se juntam? Também buscaremos a resposta de Paulo para algumas outras perguntas: O que significa o nosso batismo? Seria somente um ritual? Será que é ele que faz de nós cristãos de verdade? Seria o batismo um ritual que testemunha publicamente o envolvimento do batizado com o Senhor que batiza? Após chegarmos mais perto de Paulo por meio de algumas observações exegéticas fundamentais de Romanos 6.1-11, buscaremos traçar tópicos mais gerais do pensamento de Paulo sobre o batismo e seu significado para a vida cristã!

1 AS ORIGENS DO BATISMO CRISTÃO

Qual é a origem da prática do batismo, e como ela se torna relevante aos

cristãos primitivos? De onde os primeiros cristãos emprestam, ou conhecem essa prática? Seria essa uma invenção de João Batista, como o primeiro que aparece pregando a respeito de um βαπτισμός no NT? O Novo Testamento relata que vinha gente de Jerusalém, de toda a Judéia e região ao redor do Jordão para serem batizados por João³. Nos Evangelhos de Marcos e Lucas, João é identificado como aquele por meio de quem é cumprida a profecia de Isaías, para que o caminho do Senhor fosse preparado, e assim surge João batizando no deserto⁴. No Evangelho de João, sacerdotes e levitas interrogam a João Batista perguntando-lhe por que batizava se não era o Cristo, nem Elias, nem o Profeta⁵. Mas, de onde essas pessoas poderiam conhecer a prática do batismo? Deve-se observar primeiramente que as comunidades primitivas eram compostas basicamente por judeus até a conversão dos primeiros crentes samaritanos (At 8) e a chegada de Pedro à família de Cornélio, em Cesaréia⁶. Assim, encontramos uma profunda continuidade com tradições do Antigo Testamento, e um pano de fundo hebraico que não pode ser ignorado ao tratarmos das origens do batismo cristão⁷. As pesquisas arqueológicas modernas nos dão “uma contribuição significativa para o entendimento do batismo no período do Novo Testamento e devem ser empregadas no desenvolvimento duma doutrina cristã de batismo”⁸. A partir da década de 60, dezenas de locais foram escavados, onde se realizava um antigo ritual judaico de imersão chamado *miqveh*. Os *miqvaot* eram locais construídos a partir de regulamentações precisas, talhados na pedra virgem ou construídos no solo; deveriam conter uma quantidade mínima de água e o tanque deveria ser impermeável. Esses *miqvaot* eram reservados somente para a purificação ritual e não para propósitos higiênicos⁹. No Antigo Testamento encontramos ordens claras para a realização de rituais de imersão em água para que um judeu obtivesse a purificação da impureza resultante de vários fatores, como qualquer fluxo do corpo (Lv 15.2-15, Dt 23.10-11), relações sexuais

³ Cf. Mt 3.5.

⁴ Cf. Mc 1.1-4 e Lc 3.1-7.

⁵ Cf. Jo 1.24.

⁶ Cf. COOK, Randall K. A Imersão Judaica e o Batismo Cristão. In: KIRSCHNER, Estevan Frederico (Ed.). **Vox Scripturae**. Revista Teológica Brasileira. São Paulo, v. 3, n.1, mar./1993, p. 21.

⁷ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 21.

⁸ Randall K. COOK, 1993, p. 23.

⁹ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 23.

com uma mulher impura (Lv 15.33), contato com um cadáver (Lv 21.11, Nm 5.2-3) ou uma doença infecciosa da pele (Lv 13.2-3, Nm 5.2). Exigia-se ainda a imersão de purificação para a mulher após seu período menstrual (Lv 15.19-24) ou após outra hemorragia prolongada (Lv 15.25-30), ou ainda após o parto (Lv 12.2-8). A lavagem ritual era requerida em caso de ordenação (Êx 29.4, Lv 8.6) e fazia parte dos preparativos que o sumo sacerdote realizava para o dia da expiação (Lv 16.4, 24)¹⁰. A purificação cerimonial era obrigatória antes da entrada no Monte do Templo ou antes de se fazer um sacrifício¹¹ e significava a pureza moral interior, a inocência e o reconhecimento da santidade de Deus, apontando para o que era fundamental, ainda que esses ritos por si mesmos fossem incapazes de produzir pureza moral interior¹².

No contexto da expectativa de um derramamento escatológico do Espírito Santo, como elemento básico para efetivar a transformação que ocorreria na era messiânica, o texto do profeta Ezequiel 36.24-27, juntamente com outros textos proféticos que eram bem conhecidos no período de João Batista, exortam a uma purificação com água (cf. Isaías 1.16ss., Jeremias 4.14) como antecipação de uma purificação a ser feita por Deus nos últimos dias¹³. O profeta Ezequiel, do capítulo 33 até o capítulo 48, deixa de ser somente o atalaia que anuncia a destruição e a deportação como consequência inevitável do pecado de Israel e passa a ser o atalaia que anuncia a retribuição e responsabilidade individuais, agora num tom de encorajamento e restauração¹⁴. Taylor destaca a santidade de Deus como um dos pilares da mensagem de Ezequiel. Não uma santidade que se mostra em ações morais, em primeiro lugar, mas no sentido de estar separado, de estar desligado doutros relacionamentos e usos comuns, para cumprir uma função diferente. Ser tomado santo é ser separado para o Senhor, que é Santo¹⁵. Assim como todos os utensílios do Templo recebiam uma lavagem ritual, sendo assim

¹⁰ Cf. KAYSER, Walter C. . In: HARRIS, R. Laird. ARCHER, Jr., Gleason L. WALTKE, Bruce K. (Ed). **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999, p. 831.

¹¹ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 23.

¹² Cf. Walter KAYSER, 1999, p. 831.

¹³ Cf. LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997, p. 35 e 40.

¹⁴ Cf. TAYLOR, John B. **Ezequiel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1984, p. 15.

¹⁵ Cf. John B. TAYLOR, 1984, p. 39.

considerados separados para o uso do Senhor, também os sacerdotes, e o povo se purificava como símbolo de pureza moral e reconhecimento da santidade de Deus. Em Ezequiel, o arrependimento é para o indivíduo. Ninguém pode apegar-se a sua hereditariedade ou aos méritos de pertencer a Israel. Apesar disso, a salvação deve ser experimentada pelo indivíduo como membro de uma comunidade restaurada. Em Ezequiel 36.24-28 o Senhor oferece, além disso, um novo coração e um novo espírito para cada um dos israelitas (36.26). Ele oferece purificação da sujeira dos seus pecados, da impureza do exílio (36.24-25), e um novo começo a partir da dádiva do Espírito do próprio Senhor que os faria agir segundo os Seus mandamentos (36.27)¹⁶. A expressão “aspergir com água” é derivada dos rituais de purificação cerimonial, e significa não somente o perdão dos pecados, mas a purificação, o perdão dos pecados do povo frente à sujeira da idolatria. Os termos coração e espírito remetem-nos à totalidade da personalidade humana. O novo Espírito os capacitaria a viver de acordo com os “estatutos e juízos de Deus”. Ainda que não faça referência ao dom do Espírito, também o profeta Jeremias fala de forma semelhante, ao dizer que o Senhor imprimiria as Suas leis nas mentes e as inscreveria nos corações¹⁷. No capítulo 37 de Ezequiel, o profeta é levado ao vale cheio de ossos secos para que profetize sobre os ossos a fim de que tomem à vida. Esse oráculo sobre o vale de ossos secos expressa uma resposta ao lamento dos exilados sobre sua condição. A visão primeiro diz amém ao lamento, mas depois promete um milagre de renovação, restauração e retomo à terra natal¹⁸. É interessante perceber a restauração que o Espírito realiza, trazendo de volta à vida aquilo que estava completamente seco, morto!

No período do judaísmo tardio os termos טבל (mergulhar, imergir) e βαπτίζεiv tornaram-se termos utilizados para representar os rituais de purificação requeridos em Levíticos, sendo que o טבילה de prosélitos advém desse contexto¹⁹. As lavagens judaicas, inclusive o batismo de prosélitos, estavam ligadas com os ritos de purificação existentes, e conseqüentemente com o conceito judaico a

¹⁶ Cf. John B. TAYLOR, 1984, p. 42-44.

¹⁷ Cf. John B. TAYLOR, 1984, p. 207-208.

¹⁸ Cf. LASOR, William S. HUBBARD, David A. BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 397.

¹⁹ Cf. OEPKE, Albrecht. βάπτω . In: KITTEL, Gerhard (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**, v. 1, Grand Rapids, Michigan: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1979, p. 535.

respeito da santidade de Deus²⁰. Muito embora o Novo Testamento não dê muitos detalhes a respeito dos rituais de purificação que eram praticados pelos judeus naquele período, *os miqvaot* encontrados em Jerusalém e datados do primeiro século constituem uma clara evidência de que esses rituais eram comuns²¹. Durante as três festas de peregrinação havia um grande fluxo de visitantes e como todos esses precisariam cumprir os pré-requisitos para a entrada no Monte do Templo, havia uma grande necessidade desses *miqvaot*²².

O batismo prosélito judaico era um batismo de iniciação, de entrada na comunidade judaica. Exigia-se do prosélito o batismo, além da circuncisão (para os homens) e da oferta de um sacrifício (exigência extinta após a destruição do Templo em 70 A.D.)²³. Existe uma grande controvérsia a respeito do início da prática do batismo de prosélitos uma vez que, as evidências para a origem desse tipo de batismo não estejam presentes no período anterior ao séc. 1 A.D.²⁴. Ainda assim, existe consenso entre mais renomados estudiosos a respeito de sua existência. A presença desse rito nos faz entender como os judeus aceitaram prontamente o batismo de João, e a entender o porquê das objeções daqueles que o questionaram por não ser Elias, nem o Messias ou o Profeta (Jo 1.19-23)²⁵.

O ritual do batismo de prosélito acontecia da seguinte forma:

Tão logo ele se recupera da circuncisão, levam-no para o Batismo e, sendo colocado na água, instruem-no mais uma vez sobre as normas da Lei, algumas mais graves e outras mais leves. Tendo ouvido isso, ele imerge e sobe, e eis que é um israelita em todos os aspectos... Toda pessoa batizada deve afundar seu corpo inteiro, agora despido e deixado nu, em um só mergulho.²⁶

²⁰ Cf. Albrecht OEPKE, 1979, p. 536.

²¹ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 28.

²² Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 25.

²³ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 28.

²⁴ Cf. SCHREINER, T.R. In: BROMILEY, Geoffrey W. (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**, v. 3, Grand Rapids, Michigan: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1979, p. 1009s.

²⁵ Cf. LINDSAY, T.M. In: BROMILEY, Geoffrey W. (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**, v. 1, Grand Rapids, Michigan: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1979, p. 422. Trataremos mais a respeito das objeções dos sacerdotes e levitas ao tratarmos especificamente do batismo de João.

²⁶ LIGHTFOOT *apud* Randall K. COOK. A imersão judaica e o batismo cristão. In: KIRSCHNER, Estevan Frederico. (Ed.). **Vox Scripturae**. Revista Teológica Brasileira. Vol. 3, n. 1. São Paulo: Edições Vida Nova, p. 28-29, mar. 1993.

A mudança mais decisiva em relação ao paganismo era a circuncisão, sendo que o batismo capacitava o novo judeu a entrar no seu primeiro ato de adoração. Antigos ditados judaicos parecem tratar a conversão do paganismo para o judaísmo como se fosse a entrada da morte para a vida²⁷. J. Jeremias chama a atenção para o fato de que por ocasião de sua conversão ao judaísmo, o prosélito era considerado como uma criança recém-nascida, o que significava, a partir de expressões análogas na literatura rabínica e neotestamentária, que no momento de sua conversão Deus perdoava o prosélito de todos os seus pecados. Essa comparação com um recém-nascido “exprime de forma figurada os bens da salvação atraídos pela conversão ao judaísmo”²⁸, e ainda, “Quando Paulo diz que os homens se tornam pelo batismo uma ‘nova criatura’ (Gl 6.15; 2 Cor 5.17), quando I Pe 2.2 compara os batizados com ‘crianças recém-nascidas’, temos nos dois textos a mesma imagem igualmente inspirada no sentido religioso”²⁹. O ritual de batismo de prosélitos tinha como único objetivo a pureza ritual: “Se o prosélito pudesse ser descrito como ‘uma criança recém-nascida’, isso diz respeito somente a sua posição teocrática e casuística. Como um pagão ele não entendia a Torá”³⁰. O prosélito, uma vez batizado não deveria mais entender que seus sofrimentos pós-conversão seriam uma punição pelos seus atos antes do batismo³¹. Em Jerusalém existia também uma classe de escravos libertos da qual faziam parte ex-pagãos, escravos de um amo judeu, que eram libertos ao se deixarem circuncidar e se submeterem ao “banho para ficar livre”. A partir desse banho, todos os direitos que o antigo dono tinha sobre o escravo cessavam, e o agora liberto também era juridicamente igual aos outros prosélitos³². Essa linguagem jurídica também é muito conhecida no Novo Testamento ao tratar da “servidão ao pecado”, em contraposição à “servidão a Cristo”.

²⁷ Cf. G.R. BEASLEY-MURRAY. In: Lothar COENEN/ Colin BROWN (Ed.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Vol. 1. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000, p. 181.

²⁸ Cf. JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no Tempo de Jesus**: Pesquisa de História Econômico-social no Período Neotestamentário. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 429.

²⁹ Joaquim. JEREMIAS, 1983, p. 429.

³⁰ Albrecht OEPKE, 1979, p. 536.

³¹ Cf. Albrecht OEPKE, 1979, p. 536.

³² Cf. J. JEREMIAS, 1983, p. 442-443.

Na comunidade de Qumran eram comuns as abluções de purificação, não como rito de iniciação, como no batismo cristão, mas como parte da vida diária de cada membro que fazia parte da comunidade. Existiam prescrições detalhadas a respeito dessas abluções, mas também advertências contra a suposição de que a purificação com água tivesse algum mérito em si mesma³³:

Ele (o pecador) não será absolvido por expiação, nem purificado por abluções, nem santificado por mares ou rios, nem limpo por todas as águas de banho. Impuro, impuro será ele enquanto desprezar as ordenanças de Deus e não permitir a si mesmo ser instruído pelo conselho da sua comunidade. Porque é pelo espírito do verdadeiro Conselho de Deus que os caminhos do homem, todos os seus pecados, são expiados, de tal maneira que assim possa contemplar a luz da vida. (...) (1QS 3. 4-8).³⁴

Em Marcos 7, Jesus adverte aos fariseus, outro grupo de separados do período interbíblico, e aos mestres da Lei em relação às tradições humanas, ao recriminarem os discípulos por comerem sem antes lavar as mãos. Os fariseus não admitiam que se fizesse uma refeição sem lavar as mãos, e observavam cuidadosamente muitas outras tradições, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metal (cf. Mc 7.4) Encontramos na sexta divisão da *Mishnah (Tohorot)*, prescrições claras a respeito das purificações que deveriam ser realizadas pelos judeus. Na verdade, essas obrigações como tal, não faziam parte da Lei Judaica tradicional, mas provavelmente foram criadas de maneira voluntária pelos próprios fariseus³⁵.

Em João 1.24, João Batista é interrogado a respeito de sua autoridade para batizar, uma vez que não era o Messias, nem Elias, nem o Profeta. A razão desse interrogatório se explica pelo fato das três figuras mencionadas serem consideradas como enviadas por Deus, e pelo fato de que os fariseus pensavam ter esgotado o número desses possíveis enviados de Deus. Compreendendo que João ab-rogava sobre si uma missão divina, e que seu batismo chamava à ruptura com as instituições, pediram-lhe uma explicação³⁶. A pergunta dos fariseus não significa

³³ Cf. Gervásio F. ORRU. **Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p. 41.

³⁴ 1 QS 3.4-8 *apud* Gervásio F. ORRU, 1993, p. 41.

³⁵ Cf. GUELICH, Robert A. *Word Biblical Commentary: Mark 1-8:26*. Vol. 34 A. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1989, p. 364.

³⁶ Cf. MATEOS, Juan/ BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**: Grande Comentário

que, quando esses três personagens aparecessem, também estariam batizando, mas seu questionamento é justamente pela autoridade de João em estar chamando os próprios judeus para serem batizados³⁷. Por detrás da pergunta dirigida a João Batista está a concepção a respeito de Elias como personagem que estaria prometido para uma missão de reconciliação e de chamado ao arrependimento, como última oportunidade antes do “dia do Senhor” (cf. Mt 4.5-6). A pergunta a respeito do profeta também tem origem num texto bíblico, no qual Moisés diz aos israelitas que o Senhor suscitaria do meio deles um profeta como ele, a quem deveriam ouvir (cf. Dt 18.1519)³⁸.

A analogia mais próxima ao batismo de João são os batismos do judaísmo oficial, e especialmente o batismo de prosélitos. Assim como o batismo de prosélitos, o batismo de João era realizado uma vez só, para sempre. Por outro lado, ao contrário do batismo de prosélitos, o batismo de João não tinha uma orientação política ou ritualística, mas ética, de preparação das pessoas para a iminente vinda do SENHOR³⁹. Alguns estudiosos defendem que João tenha adaptado os rituais de purificação diários da comunidade de Qumran, transformando-os num rito hínico, e com significado escatológico⁴⁰. João batizava no rio Jordão (Mt 3.6, Lc 3.3) ou em Enom, perto de Salim (Jo 3.23)⁴¹, e o batismo ministrado por ele, “mais do que um símbolo de purificação cerimonial; era um batismo de arrependimento, uma confissão de pecado e da necessidade de limpeza moral, e era um símbolo de perdão e pureza moral”⁴², tanto que João negou-se a batizar os fariseus e saduceus que não demonstravam sinal algum de arrependimento (Mt 3.7-8)⁴³. No batismo de João temos uma rejeição às ideias de uma justiça legalista ou nacionalista, de modo que seria fútil pensar que a participação na descendência de Abraão também significasse a participação da salvação messiânica, uma vez que o batismo era

Bíblico. p. 89.

³⁷ Cf. BEASLEY-MURRAY, George R. *Word Biblical Commentary: John*. Vol. 36. Waco, Texas: Word Books Publisher, 1987, p. 24.

³⁸ Cf. MICHAELS, J. Ramsey. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: João*. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1994, p. 38-39.

³⁹ Albrecht OEPKE, 1979, p. 537.

⁴⁰ Cf. LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997. p. 39.

⁴¹ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 29.

⁴² T.M. LINDSAY, 1979, p. 418.

⁴³ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 29.

de arrependimento (μετάνοια), de retorno, de uma mudança de conduta ético-religiosa⁴⁴.

O batismo de João não significava a entrada no Reino escatológico, mas sim uma preparação para o Reino. Tanto que, aqueles que já o tinham recebido, tiveram que receber outro batismo ao entrarem para a comunidade cristã (At 19.3-6)⁴⁵. O batismo de João aparece como manifestação pública da mudança de lealdade e símbolo de libertação, uma vez que a missão de João compreendia a denúncia das autoridades e a emancipação do povo antes submetido a elas, para um novo “dono”, o Senhor que logo viria (cf. Jo 1.23)⁴⁶. O próprio João Batista teve o cuidado de deixar clara a diferença entre o seu batismo e o que Cristo realizaria. Cristo realizaria um batismo com o Espírito Santo e com fogo, sendo que esse último alude ao juízo final. Assim, o batismo que viria com Jesus Cristo não seria somente um batismo provisório, mas antes definitivo, para a entrada no Reino de Deus⁴⁷. O batismo de João está ligado a passagens como Is 1.15-16 e Ez 36.24-27, além de Is 4.4, Jr 2.22, 4.14, Zc 13.1, Sl 51.7⁴⁸. Havia profecias que sinalizavam um ritual específico de purificação que ocorreria nos dias do Messias, e o próprio Jesus reconheceu a validade do batismo de João diante dos líderes religiosos e dos chefes dos sacerdotes (Mt 21.23-27, Mc 11.27-33, Lc 20.14), e até mesmo foi batizado por João dizendo que convinha se deixar batizar para que toda a justiça fosse cumprida (cf. Mt 3.15)⁴⁹. Toda a atuação de João, na verdade, seguiu os padrões da tradição profética e até mesmo sua indumentária (o manto de pelos e o cinto de couro) era tipicamente comum a um profeta (cf. Zc 13.4, e especialmente a indumentária do próprio Elias em 2 Re 1.8)⁵⁰.

⁴⁴ Cf. George Eldon LADD, 1997, p. 38.

⁴⁵ Cf. T.M. LINDSAY, 1979, p. 418.

⁴⁶ Cf. Juan MATEOS/ Juan BARRETO, 1999, p. 89.

⁴⁷ Cf. Oscar CULLMANN. **Das Origens do Evangelho à Formação da Teologia Cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 118.

⁴⁸ Cf. Albrecht OEPKE, 1979, p. 537.

⁴⁹ Cf. Randall K. COOK, 1993, p. 29.

⁵⁰ Cf. George Eldon LADD, 1997, p. 34-35.

2 OBSERVAÇÕES EXEGÉTICAS FUNDAMENTAIS DE ROMANOS 6.1-11

Nesse ponto, daremos um salto maior, especificamente em direção ao texto de Romanos 6.1-11, o qual norteará nossa reflexão sobre o significado do batismo para a vida cristã. Em Romanos 6, Paulo passa a uma parte diferente da carta aos Romanos, iniciando uma exortação aos seus ouvintes na segunda pessoa do plural⁵¹. A partir do capítulo 5, o panorama da carta aos Romanos é ampliado, não mais retratando somente a salvação por meio da fé, mas a nova vida a partir da justificação, a nova vida em plenitude oferecida ao cristão a partir da morte de Cristo⁵². Pohl chama atenção para o fato de que a partir do capítulo 6, Paulo, possivelmente, esteja respondendo a perguntas levantadas pelos seus leitores, sendo que talvez a primeira pergunta poderia ser: “Que será da justiça por meio da fé, se ela se defrontar com a realidade de que o pecado continua existindo?”⁵³ Aqui, temos muito a tratar a respeito do significado dessa passagem para a vida cristã. “Afim, será que aquilo que Paulo expôs até o momento tem algo a ver com a vida que se vive na prática? Acaso trata-se de mera interiorização ou até de acrobacia intelectual?”⁵⁴ A climática conclusão de 5.20-21, que, como consequência do ato de Cristo, a graça tenha sobrepujado o pecado; e que na morte, a lei do pecado, foi trocada pela lei da graça por meio da justiça para a vida, naturalmente levanta a questão: o crente foi completamente tirado do domínio do pecado e da morte? O pecado e a morte perderam todo o domínio sobre o crente? A resposta para a primeira pergunta parece ser claramente afirmativa, mas a exortação que segue como consequência indica que o crente está vulnerável aos dois reinados, tanto do pecado e morte quanto da graça de Cristo, sendo necessária uma decisão diária entre esses dois domínios, até sua morte biológica, por assim dizer (v. 23)⁵⁵.

A estrutura sugerida pela maioria dos estudiosos para a períclope de Romanos 6.1-11 compreende em primeiro lugar uma questão inicial:

⁵¹ Cf. DUNN, James D. G. *Word Biblical Commentary: Romans 1-8*. Vol. 38. A. Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1988, p. 305.

⁵² Cf. POHL, Adolf. *Carta aos Romanos: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999, p. 101.

⁵³ Adolf POHL, 1999, p. 101.

⁵⁴ Adolf POHL, 1999, p. 101.

⁵⁵ Cf. James D. O. DUNN, 1988, p. 305.

permaneceremos no pecado para que a graça se torne mais abundante? Essa questão suscita uma primeira resposta (v. 2) que é desenvolvida e sustentada até o final da perícope. A primeira elaboração (vv. 3-4) utiliza a imagem do batismo, e dos versículos 5-10 encontramos a segunda e a terceira elaborações colocadas em paralelo (5 e 8; 6,9 e 7,10), culminando numa conclusão (v.11) que confirma a resposta inicial.⁵⁶

É certo que a imagem do batismo não é usada de maneira impensada por Paulo na sua primeira elaboração a respeito do que significa viver a vida a partir da graça de Cristo. Paulo reconhece que uma falsa conclusão poderia ser tirada do que falara em 5.20⁵⁷ e agora elucida melhor o assunto para reprimir falsas interpretações⁵⁸. É importante observar que apesar de Paulo estar usando a figura do batismo, ele o faz com um propósito maior. Uma vez que essa passagem bíblica tem recebido uma importante função nas discussões em tomo do batismo, é importante deixar claro que o batismo não é o tema da passagem. A linguagem do batismo é utilizada nos versículos 3 e 4 para lançar luz sobre a vida cristã, que acontece a partir da morte para o pecado e uma nova vida sob a graça, a partir da fé⁵⁹. Cranfield acentua que no versículo 2, Paulo se move livremente entre os diferentes sentidos da morte e da ressurreição do crente juntamente com Cristo, sentidos esses que nos ajudam a entender a sua compreensão: (1) sentido jurídico, de que os crentes morreram para o pecado quando Cristo morreu por eles na cruz; (2) sentido batismal, de que o crente morreu e foi ressuscitado com Cristo, por meio do batismo, que acontece como uma ratificação de sua própria aceitação da obra de Cristo e uma concessão do próprio Deus de Seu selo e penhor; (3) sentido moral, como o recebimento da liberdade de morrer dia a dia para o pecado, como para ressuscitar dia a dia para a novidade de vida e obediência a Deus; (4) e ainda o sentido escatológico, quando o crente definitivamente morrerá para o pecado por ocasião de sua morte física e ressuscitará por ocasião da volta de Cristo. Cranfield ainda acentua ser necessário que esses quatro sentidos sejam claramente discriminados, e ao mesmo tempo entendidos numa relação um com o outro⁶⁰.

⁵⁶ Cf. James D. O. DUNN, 1988, p. 305.

⁵⁷ Cf. CRANFIELD, C.E.B. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 127.

⁵⁸ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 306.

⁵⁹ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 306-307.

⁶⁰ Cf. C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 128-129.

É de maior interesse para o presente estudo, o segundo sentido realçado por Paulo em relação à morte e ressurreição do cristão juntamente com Cristo. Consideramos, porém, que o entrelaçamento dos sentidos apresentados por Paulo nos ajuda a clarear ainda mais o significado e a importância do batismo para o cristão. Como se relacionam esses diferentes sentidos no pensamento de Paulo? Como essas relações, que o texto bíblico nos apresenta, podem nos ajudar na compreensão do significado do batismo para a vida cristã? Paulo, deixa subentendido que os cristãos de Roma conhecem a doutrina e a realidade formulada a partir do versículo 3. Paulo sequer havia visitado a Igreja em Roma, porém, entendia que seus ouvintes estavam cientes da realidade que seria exposta adiante, como fundamento para a vida cristã. Seus ouvintes, em todos os casos haviam recebido o batismo cristão, e em toda a igreja primitiva estava claro que “o batismo tem a ver com um relacionamento pessoal decisivo entre o crente individual e Cristo”⁶¹. Stott chama atenção ao fato de que a pergunta em torno de continuar ou não continuar pecando mostra que os romanos também não haviam entendido o significado de seu batismo e de sua conversão⁶².

2.1 Batizados em Cristo Jesus, na sua morte

A falta de entendimento a respeito da intenção de Paulo neste texto leva por vezes ao temor excessivo em associar Romanos 6 ao batismo nas águas. Teme-se que Paulo seja interpretado como que ensinando a salvação por meio do batismo, ou seja, a concessão automática da salvação pelo simples ritual de administração da água em nome da Trindade, ao que eventualmente nos referimos com a expressão *ex opere operato*. Na verdade, “sempre que os termos ‘batismo’ e ‘ser batizado’ ocorrem sem a menção do elemento no qual se dá o batismo, a referência é ao batismo nas águas”⁶³. O significado essencial do batismo, porém, é que ele nos une com o Cristo crucificado e ressurreto. Somos batizados εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν εἰς τὸν θάνατον αὐτοῦ. Nessa sentença, a preposição εἰς não quer significar nada mais do que a identificação com Aquele que batiza. Em outras passagens, como At 8.16, 19.5 a mesma preposição é utilizada para falar do batismo que é feito **em** nome de Cristo Jesus ou em 1 Cor 1.13, onde Paulo pergunta se os coríntios teriam

⁶¹ Cf. C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 129.

⁶² Cf. STOTT, John. **Romanos**. São Paulo: ABU, 2000, p. 198.

⁶³ John STOTT, 2000, p. 205.

sido batizados em seu nome. Mesmo que na instituição do batismo (Mt 28.19) fora dito que esse seria ministrado em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, em outros lugares ele é feito “em nome do Senhor Jesus” (At 8.16; 19.5) ou somente “em Cristo” (Gl 3.27). O argumento essencial de Paulo, é que o batismo implica numa identificação vital com Jesus Cristo e que essa união com Ele é representada, como num drama simbólico, pelo nosso batismo⁶⁴.

É muito interessante notar que a igreja primitiva parecia compreender de maneira muito mais clara essa identificação com a morte de Cristo, o que fica evidente no ritual de batismo que era realizado como um drama, composto de três atos:

No primeiro ato, o rito significava ruptura com a velha vida, que incluía a oração de desligamento do culto aos deuses e dos hábitos do velho éon (sic). Tanto que, por ocasião do Batismo, os crentes tinham que jurar que mudariam a sua vida. Algumas profissões eram tidas como desonrosas para um cristão. (...) As piscinas batismais estavam dispostas no sentido leste-oeste. Os batizando eram levados para dentro da água, em direção ao leste, voltados para o sol nascente.⁶⁵

Deve-se perceber como todo o primeiro ato do ritual de batismo dramatizava muito bem essa identificação do batizando com Cristo. O ritual sinalizava claramente a participação εις τὸν θάνατον αὐτοῦ. Num primeiro momento, Paulo quer que seus ouvintes saibam claramente que o relacionamento com Cristo, o batismo, está ligado em particular com a morte de Cristo. A associação do batismo com a morte já havia sido feita pelo próprio Jesus Cristo, ao usar o batismo como uma metáfora para Sua própria morte (cf. Mc 10.38-39; Lc 12.50) e a palavra ἄγνοεῖτε pode estar implicitamente se referindo à essa tradição como algo de que os cristãos em Roma já tinham conhecimento⁶⁶.

Os interlocutores de Paulo estavam ignorando um fator crucial: uma vez que a morte, como único e inevitável fim desta era já havia ocorrido, a lei do pecado já estava morta. Somente é possível falar de cristãos nesta era porque existe Jesus Cristo, aquele que de fato passou de uma era e domínio à outra (vv.

⁶⁴ Cf. John STOTT, 2000, p. 205-206.

⁶⁵ WESTPHAL, Euler Renato. O Paradoxo de Lei e Evangelho em Lutero: Algumas Teses e Reflexões sobre a questão do Batismo. In: Schwambach, Claus. **Vox Scripturae**. Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, vol. 12. n. 2, 2004. p. 59-60.

⁶⁶ James D. G. DUNN, 1988, p. 312.

7-10), e porque é possível ao crente se identificar com Ele. A morte é o fim da dominação do pecado que está em todos os homens, porém somente um homem, que é Cristo, morreu a morte que quebra o domínio final da morte⁶⁷. O pensamento de Paulo é ainda determinado pelo contraste entre Adão e Cristo em 5.12-21. A morte se refere àqueles que estão em Adão, na era de Adão, e a vida, àqueles que estão em Cristo⁶⁸. Goppelt acentua que pela morte de Cristo toda a raça adâmica sofreu a execução da sentença por parte de Deus, e que pela morte de Cristo todos os homens já estão marcados pela cruz ainda que não o saibam! Não é o batismo que transmite os efeitos da morte e da ressurreição de Cristo, mas o próprio evento da cruz já fez isso. Romanos 6.3-10 fala da experiência do batismo como algo que já aconteceu, no modo indicativo. O batismo significa a união dos cristãos com esse ato já realizado⁶⁹.

Rm 6,5 fala da “união” dos cristãos com esse sinal: “Se (pelo batismo) fomos unidos com a semelhança de sua morte, também o seremos com a ressurreição.” De acordo com 2Co 5.14 o *homoiōma* (semelhança) da morte de Jesus é justamente aquela morte de todo homem adâmico: é a morte de Jesus como acontecimento universal. Antes do Batismo, a morte de Jesus é uma sentença divina sobre todos os homens (Rm 8.3), como se anuncia em 2Co 5.14: “Todos morreram”. Essa mensagem torna-se experiência física do indivíduo do batismo. O homem é envolvido individualmente nessa sentença através de um ato histórico-físico único, de sorte que se pode afirmar a seu respeito: ele morreu com Cristo.⁷⁰

Cranfield pontua que o batismo expressa de maneira visível o recebimento do penhor da morte que a pessoa envolvida já recebeu da parte de Deus, ou seja, como um trazer à realidade visível aquele relacionamento que já é uma realidade a partir do recebimento em fé da “decisão benévola de Deus”. Também a posição de Lutero é muito semelhante, ao dizer que “o Batismo não justifica a ninguém (...), mas a fé na palavra da promessa, à qual se agrega ao Batismo, essa sim, justifica e cumpre o que o Batismo significa, pois a fé é a submersão do velho ser humano e a emersão do novo ser humano”⁷¹. O Batismo é,

⁶⁷ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 321.

⁶⁸ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 306-307.

⁶⁹ GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1982, p. 373-374.

⁷⁰ Leonhard GOPPELT, 1982, p. 373.

⁷¹ LUTERO, Martinho. Do cativeiro babilônico da Igreja. In: **Obras Selecionadas**. 2. Ed.

portanto, o sinal visível da graça divina. O aoristo passivo ἐβαπτίσθημεν significa claramente algo que é feito por Deus de forma pontual, decisiva⁷². Em relação a isso, a morte dramatizada no batismo significa a força da Lei, do Juízo de Deus concretizado de forma única e decisiva na cruz de Cristo. Desse juízo tomamos consciência a partir da Palavra, a partir do relacionamento com Cristo, então sim de forma contínua, linear, diária, ou ainda usando as palavras de Cranfield, a partir do recebimento da “decisão benévola de Deus”⁷³. Cranfield parece também falar de modo muito semelhante a Lutero quando acentua que Paulo não poderia estar pensando no batismo “como simples sinal”, mas antes como ocasião em que o próprio Cristo está “presente e ativo (...) na palavra visível do batismo, bem como na palavra falada da mensagem pregada”⁷⁴.

2.2 Para que, assim também nós, vivamos em novidade de vida!

No versículo 4, a partir da expressão ἵνα ὅσπερ - “para que assim como”, é introduzida a declaração da finalidade do nosso sepultamento com Cristo no batismo. A vida depois do batismo, uma vez que “estamos sepultados com” significa também a correlação na ressurreição. Talvez seria mais razoável pensar que Paulo diria: Como Cristo foi erguido da sepultura, assim também nós depois do batismo seremos glorificados! O que Paulo diz, porém, é bem diferente, não nos levando diretamente à glorificação ou à perfeição, mas ao serviço neste mundo ainda marcado fortemente pela morte causada pelo pecado, à novidade de vida para dentro desse mundo⁷⁵! Calvino também nos lembra que o subjuntivo futuro do verbo viver não está se referindo à ressurreição final, mas denota o curso contínuo de nossa vida em Cristo, “enquanto formos peregrinos na terra”⁷⁶.

Paulo deixa claro, nos paralelismos encontrados na perícopé, que o batismo não significa somente a morte em Cristo, mas a ressurreição com Ele para uma nova realidade. Nessa parte do argumento de Paulo, encontramos a expressão

Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 382.

⁷² Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 311.

⁷³ C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 131.

⁷⁴ C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 131.

⁷⁵ Cf. Adolf POHL, 1999, p. 107.

⁷⁶ CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura**: Exposição de Romanos. São Paulo: Edições Paracletos, 1997, p. 211.

περιπατέω, no sentido de conduta própria, andar em, usada figurativamente para designar o modo de viver. Essa expressão é tipicamente hebraica, e seu uso não é frequente no NT, a não ser nos escritos de João e Paulo. O aoristo dessa expressão traz a implicação de que a conversão significa uma transição a um novo estilo de vida. Assim, também o verbo no Antigo Testamento falava de “andar na lei, nos estatutos, nas ordenanças, nos caminhos de Deus” (cf. Ex 16.4; Lv 18.3-4; Dt 28.9; Js 22.5; Jr 44.23; etc.)⁷⁷. Seguramente, o ressuscitar com Cristo significa andar em novidade de vida. A dominação do pecado, para Paulo não é quebrada pela Lei, mas somente pela obra de Cristo, somente pelo *éschaton*⁷⁸. Uma vez que o tema da passagem de Romanos 6.1-11 é a “morte para o pecado” e que a figura do batismo (vv. 34) é somente um meio inicial de Paulo retratar essa nova realidade, da união dos cristãos com a morte de Cristo⁷⁹. Adiante, Paulo fala da crucificação do nosso “velho homem”, ou seja, que nossa velha natureza decaída foi crucificada com Cristo sobre o Gólgota. Não está subentendido que o “velho eu” não mais exista, mas que aquele que foi crucificado com Cristo deve efetuar constantemente, no nível moral, a morte diária para o pecado, a morte que ele já morreu por causa da misericórdia de Deus, representada no ato do batismo, ou seja, “É o homem total, e não apenas parte dele que está sujeito à condenação de Deus, e que ao juízo de Deus, morreu na morte de Cristo”⁸⁰. Não é por acaso, que ouvimos que Lutero tinha escrito em sua mesa de trabalho as palavras “fui batizado”, às quais se voltava em momentos de tentação e abatimento⁸¹! Certamente queria lembrar todos os dias de sua morte com Cristo, de forma decisiva e pontual, independentemente de suas próprias más obras e de que a partir disso deveria morrer também todos os dias e ressuscitar para um andar diário numa nova vida.

A igreja Antiga dramatizava muito bem a entrada no novo *aeon*, para o “andar diário numa nova vida”, no ritual do batismo:

No terceiro ato, encenava-se o novo éon (sic). Ainda com o corpo molhado, eram cobertos de perfumes e vestidos com novas roupas, unindo-se à comunidade onde recebiam água, leite e mel. Estes eram os alimentos das

⁷⁷ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 315-316.

⁷⁸ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 316.

⁷⁹ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 317.

⁸⁰ C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 133.

⁸¹ Cf. WEINGARTNER, Lindolfo. **Adão, onde estás**: 110 perguntas e 109 respostas. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 53.

crianças, que simbolizava a terra prometida na qual tinham entrado.⁸²

Stott procura diferenciar e desfazer o equívoco de relacionar a passagem de Rm 6.6 com Gl 5.24 que diz que “os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as paixões e desejos”. Stott diz que:

os dois versículos são completamente diferentes, uma vez que Romanos 6.6 descreve algo que aconteceu conosco (...), enquanto que Gálatas 5.24 refere-se a uma coisa que nós mesmos fizemos (...). Com efeito, existem duas maneiras totalmente distintas nas quais o Novo Testamento fala da crucificação em relação a (sic) santidade. A primeira é a nossa morte para o pecado através da identificação com Cristo; e a segunda é a nossa morte para o eu através da imitação de Cristo. Por um lado, nós fomos crucificados com Cristo. Mas, por outro lado, crucificamos (repudiamos decisivamente) a nossa natureza pecaminosa com todos os seus desejos, de forma que todo dia nós renovamos essa atitude tomando a nossa cruz e seguindo a Cristo para a crucificação.⁸³

A justificação por fé, como dádiva de Deus, está ligada de modo muito íntimo à santificação. Assim, o batismo cristão significa a entrada para a vida cristã, para o novo *aeon*, onde nos encontramos não mais na “natureza de Adão”, mas “em Cristo”. Ao tratar do significado do batismo para a vida cristã, não podemos separar a morte à penalidade do pecado, tratada em Rm 6.6, da morte que acontece diariamente para o viver pecaminoso, morte essa apresentada em Gl 5.24. Ainda que a preocupação de Rm 6.6 seja com a justificação, vemos claramente que essa morte acontece em vista da nova vida, ou seja, da santificação, e que essa não pode preceder nem almejar à justificação⁸⁴.

Stott identifica as diferenças de tempo, de natureza e de qualidade como pontos de grande importância para nossa compreensão tanto da obra de Cristo como de nosso discipulado, de nossa vida cristã. Assim, passado de morte *versus* experiência presente de vida, morte para o pecado e vida para Deus e morte *versus* vida de ressurreição contínua são marcas tanto da obra de Cristo, como do viver diário de cada cristão⁸⁵. O termo ἐφάπαξ sinaliza a diferença entre a perspectiva cristã, baseada na escatologia judaica, e a concepção mais cíclica da história. A

⁸² Euler R. WESTPHAL, 2004, p. 60.

⁸³ John STOTT, 2000, p. 209.

⁸⁴ Cf. John STOTT, 2000, p. 210.

⁸⁵ Cf. John STOTT, 2000, p. 212.

morte de Cristo põe um ponto final na presente era marcada pela entrada e pela saída da morte, possibilitada por Cristo. A morte foi um evento único (aoristo), e agora a vida não tem mais fim (presente contínuo), sendo que Deus é o único poder efetivo para a nova vida⁸⁶.

No versículo 11, temos uma transição para a exortação, como uma conclusão prática a respeito de tudo o que Paulo vinha discorrendo⁸⁷. A expressão οὐτως καί é repetida, sem dúvida de maneira deliberada, como em Rm 5.15, 18, 19, 21 e 6.4. Assim, da mesma forma como o ato de obediência de Cristo responde à transgressão e desobediência de Adão, assim também a expressão λογίζεσθε ἑαυτοὺς νεκροὺς μὲν τῇ ἁμαρτίᾳ - “considerem-se mortos para o pecado” - responde à falsa ideia apresentada em 6.1. O verbo λογίζομαι encontrasse no modo imperativo, e esse verbo já utilizado anteriormente em 3.28 e no capítulo 4, é agora retomado. O crente conta-se como morto ao pecado e vivo para Deus como resposta ao próprio Deus, que conta-o como justo. O contexto deixa claro que o cristão deve ter uma profunda convicção desse fato, e que essa convicção deve se manifestar claramente na sua conduta diária. Apesar da morte, o homem não passa a ser somente um objeto passivo a forças transcendentis; a morte envolve a cada dia um “considerar-se morto” como parte que cabe ao cristão no processo de compartilhar da morte de Cristo, e de seus benefícios⁸⁸.

Tanto Cranfield quanto Stott chamam a atenção para o sentido do verbo λογίζομαι, que não se trata de um mero sentimento ou pensamento positivo. Não se trata, de modo algum, de “uma questão de fingir que a nossa velha natureza morreu, quando nós sabemos perfeitamente que ela não morreu”⁸⁹, “não designa aqui qualquer espécie de pretensões alimentadas (‘como se’), mas um juízo deliberado e sóbrio na base do evangelho, raciocínio que aceita como norma sua o que Deus realizou em Cristo: reconheci que a verdade do evangelho significa que vós estais ...”⁹⁰. Goppelt explica que a nova vida não acontece mais sob o “velho homem”, mas com o “eu da fé”. O “velho homem” foi sepultado com Cristo, no batismo, mas é certo que enquanto vivermos na carne ele não desaparece⁹¹:

⁸⁶ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 323.

⁸⁷ Cf. C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 136.

⁸⁸ Cf. James D. G. DUNN, 1988, p. 323-324.

⁸⁹ John STOTT, 2000, p. 213.

⁹⁰ C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 136.

⁹¹ Cf. Leonhard GOPPELT, 1982, p. 374.

A nova vida processa-se somente como luta do Espírito, portador do novo eu e pondo-o a seu serviço, contra a carne (Gl 5,16-24). O novo eu pode subsistir apenas quando conservado vivo pela palavra da pregação e pelo Espírito nela manifesto. Assim se torna possível que o novo eu tome a seu serviço os membros do velho homem, sua boca e suas mios: ‘Não ponhais vossos membros à disposição da injustiça como armas, mas ponde-vos à disposição de Deus como os que foram vivificados dos mortos, e fazei dos vossos membros armas de justiça para Deus!’ (Rm 6,12s).⁹²

Considerar-se vivo ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ significa que vivemos justamente a partir da decisão de Deus de enxergar a Seu Filho Jesus Cristo ao olhar para nós. É, portanto, somente nEle e por causa dEle que temos a vida e que podemos considerar-nos vivos para Deus. Assim, também devemos nos esforçar diariamente “por habitar nele em nossa vida cotidiana; um dia estaremos em Cristo na segurança do cumprimento definitivo e perfeito dos desígnios de Deus”⁹³.

2.3 Uma breve avaliação a partir dos elementos exegéticos levantados

Consideramos, já tendo em mente as observações exegéticas estudadas até aqui, que seja importante pontuarmos alguns princípios apresentados pelo texto bíblico a respeito da relação entre batismo e vida cristã.

Em primeiro lugar, precisa-se destacar que a comunidade cristã de Roma parecia realmente não ter entendido o significado do batismo para o seu dia a dia: “Já que a graça sobrepuja o pecado, viver pecando não seria afirmar ainda mais a graça?” Essa parecia ser a visão em Roma, a qual Paulo procura corrigir, fazendo enxergar a irracionalidade de tal tese. Na argumentação de Paulo, seria impossível dissociar o batismo, como ritual de entrada para a comunidade cristã, da nova vida que o acompanha. Na verdade, Paulo deixa claro que não é mais possível que viva pecando aquele que foi batizado. Uma vez que participou da morte de Cristo, morreu para o pecado, e uma vez que ressurgiu da morte e entrou no novo *aeon*, agora vive para Deus. A passagem deixa claro que a morte de Cristo foi um acontecimento único, pontual, que encerra a antiga era marcada pela morte,

⁹² Leonhard GOPPELT, 1982, p. 374.

⁹³ C.E.B. CRANFIELD, 1992, p. 137.

e que Sua ressurreição inaugura a possibilidade da vida que não mais termina, a partir do poder de Deus. É interessante notar que a glorificação não segue à nossa justificação, assim como a ressurreição de Cristo é seguida por Sua glorificação. Paulo diz que nossa justificação nos leva não à glorificação, mas ao serviço para dentro desse mundo. Aqueles que foram justificados e morreram juntamente com Cristo vivem já, agora, de maneira completamente nova e responsável, vivendo a partir do amor de Cristo nesse mundo que ainda continua marcado pela corrupção. A sequência de Rm 7.14-25, onde Paulo trata do conflito humano em termos individuais, parece também indicar nessa direção. A impossibilidade de uma nova vida é encerrada pelo agir de Deus em Jesus Cristo. Em Cristo, por meio de Seu Espírito, existe, portanto, liberdade para a ação concreta segundo a vontade de Deus e o cristão é chamado a viver de forma consciente e constante na morte do velho e ressurreição para o novo. Rm 6.1-11 parece apontar para morte e a ressurreição de Cristo como algo que se torna atual para o cristão por ocasião de seu batismo. O fato concretizado no passado de forma pontual é dramatizado no presente e também de forma pontual na vida do batizado. Cada dia que segue o batismo é então um dia vivido a partir da ressurreição, em “novidade de vida”, de forma contínua. Ainda que o batismo seja utilizado na passagem como figura para elucidar um propósito maior, lançando luz sobre a vida cristã a partir da justificação, precisamos considerar que o batismo, a justificação e a santificação aparecem ligados de maneira muito íntima na passagem. Ainda que Paulo fale da crucificação do “velho homem”, não deixa subentendido, porém, que esse não mais exista, mas pelo contrário, o “velho eu” deve ser diariamente morto, no nível moral, de forma que todos os dias possa confessar novamente: “Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor (cf. Rm 7.25), que me possibilita o que antes era totalmente impossível”. O verbo λογίζομαι sinaliza de maneira imperativa que o crente deve considerar a cada dia o veredito que o próprio Deus já sentenciou sobre sua vida por causa de Cristo, e que agora o próprio Deus o enxerga ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. Não se trata apenas, de maneira nenhuma, de um exercício mental diário, ou de algo que dependa simplesmente de sentimentos, mas o “considerar-se morto para o pecado” significa aceitar em fé o concreto veredito de Deus, vivendo-o também de maneira bem concreta no dia a dia.

A passagem bíblica aponta de modo particular também para a ressurreição

com Cristo que é futura e escatológica⁹⁴. Na verdade, “estudos recentes mostraram que a passagem deve ser interpretada em termos do pensamento escatológico de Paulo. Morrer e ressuscitar com Cristo significa morte para o velho *aeon* de pecado e morte, e participação no novo *aeon*, de vida e justiça”⁹⁵. Assim, podemos compreender o que significa o batismo quando nos é apresentado como Lei e Evangelho, Juízo e Graça, pois ao participar do batismo estamos participando do evento escatológico da morte e ressurreição de Cristo, como o evento realmente decisivo para toda a história, como o divisor dos tempos; de maneira que é ali também onde o Juízo Final, na verdade, acontece de maneira antecipada. Dessa forma, assim como quando somos colocados diante da pregação da Palavra, também diante do batismo estamos, na verdade, diante do oferecimento de uma nova vida, uma vida a partir da ressurreição, ou, por outro lado, da condenação quando negamos o nosso batismo e vivemos pecando, retornando assim ao estado inicial de morte, ao antigo *aeon* de pecado e morte. No batismo encena, portanto, o juízo e a ressurreição de Cristo realizados no passado, na cruz do Calvário, assim como o juízo e a ressurreição de cada cristão. Passado e futuro são trazidos pelo batismo para o presente do batizado e no presente é que ele é chamado para de fato viver essa realidade que se decide em cada momento. Ainda, “É fundamental dizer que o batismo é nascimento escatológico após a Palavra do juízo final ter sido anunciada de maneira efetiva e específica. Na compreensão de Lutero, as imagens de morte e ressurreição para o Batismo são análogas à dialética de Lei e Evangelho”⁹⁶. Para ele, o batismo era um acontecimento rápido, porém cujos efeitos duravam a vida toda e só terminavam com a morte. A morte para o pecado não cessa enquanto durar a vida, sendo necessário o afogar diário do antigo homem⁹⁷.

Ainda que Cullmann não coloque o batismo em termos de Juízo e Graça, considera que ser sepultado com Cristo significa o perdão dos pecados, e o ressuscitar com Ele significa uma nova vida que é vivida a partir do Espírito. Chama a atenção ao fato de que o elemento novo no batismo cristão, a saber o dom do Espírito Santo, está ligado à obra e à pessoa de Jesus Cristo, e por meio do

⁹⁴ Cf. George Eldon LADD, 1997, p. 452.

⁹⁵ George Eldon LADD, 1997, p. 452.

⁹⁶ Euler R. WESTPHAL, 2004, p. 64.

⁹⁷ Cf. ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 144.

nosso batismo realmente “participamos na Sua morte e ressurreição”⁹⁸. É, portanto, impossível àquele que recebe os méritos de Cristo, os benefícios de Sua morte e ressurreição, que viva pecando como se nunca tivesse sido tirado do antigo *aeon*. Assim, ao vivermos (περιπατέω) negando a nossa morte para o pecado e a nossa ressurreição com Cristo para uma novidade de vida (καινότητι ζωῆς), na verdade estamos negando o nosso batismo, e em última análise a própria obra de Cristo na cruz, como a única coisa em que podemos crer para a nossa salvação.

3 O BATISMO CRISTÃO NA TEOLOGIA PAULINA

Até agora, analisamos o significado do batismo cristão a partir de suas origens e especialmente a partir do texto bíblico da carta de Paulo aos Romanos 6.1-11. Até aqui, já percebemos nitidamente que o batismo é muito mais do que um mero acontecimento ou rito exterior. Seu significado, sem dúvida inclui a submissão a um novo senhor, a separação para uma vida em santidade, para uma mudança gerada pelo arrependimento, para a morte do que é velho e ressurreição para uma “novidade de vida”⁹⁹. Vimos que o batismo significa essencialmente uma identificação com o evento de Cristo, Sua morte e ressurreição, o que, na verdade está representado no ato do batismo pelo afogamento do “velho homem” na água, e um ressurgir para Deus, numa nova vida de liberdade do pecado e da morte como características que regiam o antigo *aeon*. A morte de Cristo também é morte daquele que foi batizado e significa o fim da vida de alienação de Deus e o início de uma nova vida¹⁰⁰. O batismo é realizado “em Cristo” ou “em nome de Jesus Cristo” e coloca o batizado numa outra esfera de relacionamento com o próprio Deus, que agora o enxerga “em Cristo”, a partir de Sua própria decisão concretizada na cruz. Os demais aspectos que encontramos nos escritos paulinos a respeito do batismo emanam do ponto de vista básico que é essa identificação

⁹⁸ Cf. Oscar CULLMANN, 2000, p. 118.

⁹⁹ Muitos desses aspectos já foram tratados anteriormente a partir do texto de Romanos 6.1-11. Precisamos destacar que o aspecto de separação para o SENHOR e do arrependimento que resulta em uma limpeza moral estão presentes já no Antigo Testamento, em Qumran e também no batismo de João Batista.

¹⁰⁰ Cf. G. R. BEASLEY-MURRAY, 2000, p. 182.

com Cristo¹⁰¹, visão essa que buscamos esclarecer de forma detalhada no capítulo anterior de nossa pesquisa.

Um segundo aspecto importante do batismo para Paulo, é que o batismo em Cristo é batismo para a vida em comunidade, para dentro da Igreja, porque estar em Cristo significa ser membro de Seu corpo (cf. Gl 3.27ss; 1 Co 12.13)¹⁰². O batismo em Cristo é um batismo no Espírito de Cristo, “pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito” (NVI). Ainda que esteja claro que o batismo é um sinal visível da entrada da pessoa para o corpo de Cristo, para a Igreja, não podemos associar tão rapidamente o batismo com água ao recebimento do Espírito. Em 1 Co 12.13, Paulo não está querendo falar como o indivíduo se torna um crente, mas como os tão diversos crentes podem constituir um só corpo: pois todos receberam o mesmo Espírito! Esse texto “não oferece base para a visão de que o Espírito é recebido no batismo com água”¹⁰³; “As referências explícitas de Paulo ao batismo com água indicam uma falta de relação direta com o dom do Espírito: 1 Co 1.13-17 (cf. 10.2; 15.29); Gl 3.27; Rm 6.3,4; Cl 2.12; Ef 4.5.”¹⁰⁴ Nessas passagens está claro que o “único corpo” e “uma única esperança” estão associados ao Espírito, enquanto em cada exemplo a ligação entre o crente e o batismo estão associadas a Cristo¹⁰⁵.

Em 1 Co 1.13-17, Paulo se refere claramente ao batismo como algo secundário para a proclamação do Evangelho, o que não significa que não considere a importância do batismo. Paulo somente não atribui o mesmo valor para o batismo e para a pregação de Cristo, a qual leva homens e mulheres à fé¹⁰⁶, pois, “Na mente de Paulo o batismo ocupa um nível diferente, aparentemente como uma resposta do crente à graça recebida por meio do Espírito ao aceitar a palavra proclamada em fé”¹⁰⁷. Ao tratar do batismo, consideramos de extrema importância que tenhamos em mente também o conceito paulino de fé, como eixo

¹⁰¹ Cf. G. R. BEASLEY-MURRAY, 2000, p. 182.

¹⁰² Cf. G. R. BEASLEY-MURRAY, 2000, p. 182.

¹⁰³ Cf. FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o Povo de Deus**. São Paulo: Editora United Press, 1997, p. 214.

¹⁰⁴ Gordon D. FEE, 1997, p. 218.

¹⁰⁵ Cf. Gordon D. FEE, 1997, p. 218.

¹⁰⁶ Cf. Gordon D. FEE, 1997, p. 219.

¹⁰⁷ Gordon D. FEE, 1997, p. 219.

central tanto da experiência como da teologia de Paulo.

Em primeiro lugar, a fé é a resposta de aceitação do homem à pregação do Evangelho da justificação por meio de Cristo (1 Co 1.21, Ef 1.13). O próprio objeto da fé é Cristo, e Sua mensagem passa a ter sentido para o homem somente por meio da fé. Para o apóstolo, a fé não se restringe ao ato inicial de aceitação do Evangelho, mas envolve um processo contínuo (Rm 1.17). A nova vida “em Cristo”, na verdade, acontece sempre num contínuo exercício de fé¹⁰⁸.

Paulo, como apóstolo, geralmente deixava a administração do batismo a outros (1 Co 1.14ss). Isso não significa que fizesse pouco caso do batismo, mas fazia desse modo para que sua função estivesse clara: “Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho” (NVI)¹⁰⁹. Ao deixar sua função clara, Paulo está contrariando uma visão supersticiosa, segundo a qual, o batismo tinha importância por si só, como se tivesse um significado superior até mesmo à mensagem do Evangelho, baseada na cruz de Cristo¹¹⁰. Em 1 Co 10.1-13, Paulo reprova e combate energeticamente uma concepção supersticiosa a respeito do batismo ou da Ceia do Senhor. Aqueles que recebiam o batismo não deveriam pensar que estivessem livres de qualquer possibilidade de ira divina, uma visão que difere na sua essência do entendimento objetivo e genuinamente sacramental. De fato, não podemos considerar Paulo alguém que falou do batismo na linguagem que conhecemos hoje a respeito de um sacramento¹¹¹. Isso significa que é completamente incompatível com o pensamento de Paulo a visão de que o sacramento do batismo confere ao batizado os benefícios do batismo, independentemente de sua fé, como se fosse uma mágica¹¹². Na verdade essa compreensão do batismo como *opus operatum*, de que os sacramentos são em si mesmos eficazes, independentemente da fé daqueles que os recebem, é somente uma desvirtuação do verdadeiro significado do batismo¹¹³, que de modo algum estava no horizonte de Paulo. Ainda, “Certamente Paulo não achava que os

¹⁰⁸ Cf. GUTHRIE, Donald. **New Testament Theology**. Illinois, USA: Inter-Varsity Press, 1981, p. 591-592.

¹⁰⁹ Cf. 1 Coríntios 1.7

¹¹⁰ Cf. Donald GUTHRIE, 1981, p. 755.

¹¹¹ Cf. Albrecht OEPKE, 1979, p. 542.

¹¹² Já tratamos a respeito disso ao sinalizarmos o medo dos comentaristas em associar Romanos 6 ao batismo com água, uma vez que se poderia pensar que o batismo em nome da Trindade concedesse automaticamente a salvação ao batizado.

¹¹³ Cf. Euler R. WESTPHAL, 2004, p.60-62.

israelitas estavam unidos a Moisés de modo verdadeiramente sacramental, quando foram batizados em Moisés na nuvem e no mar (1Cor 10.2)¹¹⁴. Paulo não pensava que o batismo poderia ter alguma validade sem a fé, portanto, uma visão puramente mecanicista do batismo precisa ser descartada, como algo completamente estranho a Paulo. O batismo em si colocava um selo ao ato de fé do batizado, considerando também que tanto para Paulo, como para os outros cristãos primitivos a conversão e o batismo eram considerados num único evento. Não há menção nos escritos paulinos de que qualquer outra pessoa tenha pedido o batismo, além daquela que já havia sido convertida¹¹⁵.

O batismo era uma ocasião suprema para a confissão do Evangelho, e pensa-se até que muitas das declarações confessionais que temos nas Epístolas são fruto de confissões batismais (por exemplo, em Rm 10.9; Fp 2.6-11; Ef 4.4-6; Cl 1.13-20), e que posteriormente tais inícios é que deram desenvolvimento aos posteriores credos da Cristandade¹¹⁶. Um ponto importante, já bastante destacado a partir do estudo de Rm 6.1-11 é o aspecto da “novidade de vida” que o batismo traz para dentro deste mundo, de modo que aquele que “morreu e ressuscitou com Cristo” agora vive de maneira livre e responsável no mundo¹¹⁷. A morte de Jesus foi a execução da sentença sobre o homem “em Adão” (Rm 8.3), de modo que aos olhos de Deus todos os homens estão encerrados nessa sentença de morte. Todos os homens morreram e ressuscitaram para que vivam para aquele que por eles morreu e ressuscitou¹¹⁸. Ainda segundo Goppelt, “Paulo concebe a morte e Ressurreição de Jesus rigorosamente em termos teocêntricos, como obra de Deus em favor da humanidade. Por isso concebe-as, ao mesmo tempo, como obra de Deus na humanidade, obra que a todos imprime sua marca.”¹¹⁹. O batismo é o sinal individual da participação no acontecimento de Cristo, uma “resposta do crente à presença e atividade anterior do Espírito”¹²⁰.

As imagens paulinas para batismo, morte e ressurreição e ‘ser revestido de

¹¹⁴ Cf. George Eldon LADD, 1997, p. 507.

¹¹⁵ Cf. Donald GUTHRIE, 1981, p. 756.

¹¹⁶ Cf. G. R. BEASLEY-MURRAY, 2000, p. 183.

¹¹⁷ Cf. G. R. BEASLEY-MURRAY, 2000, p. 183.

¹¹⁸ Cf. Leonhard GOPPELT, 1982, p. 373.

¹¹⁹ Leonhard GOPPELT, 1982, p. 373.

¹²⁰ Gordon D. FEE, 1997, p. 221.

Cristo' sugerem que o batismo não é meramente um rito. Ele é um elemento integral de todo o complexo da conversão. Porque a imersão foi a forma normal de batismo, ele (sic) proporcionou a Paulo ricas metáforas para indicar o papel do batismo no complexo. Por meio do batismo os crentes reestabelecem sua associação com Cristo no mais profundo nível; eles 'morreram' e foram 'sepultados' com Ele, e nele eles 'ressurgem da morte' para andar em novidade de vida. Assim, eles se 'revestem de Cristo'. Mas para Paulo a chave tanto para receber a vida como andar em novidade de vida é o Espírito.¹²¹

O batismo, na concepção de Paulo, também tem um aspecto escatológico, que já aparece na passagem de Rm 6.8, quando Paulo diz que "se morremos com Cristo, cremos que com ele também viveremos"¹²².

A partir do fato de que a morte e a ressurreição de Cristo são eventos escatológicos, podemos concluir que o batismo é um evento escatológico, como participação na morte e ressurreição de Cristo: "Por causa da morte de Cristo, o homem justificado 'já' está do lado da era vindoura no julgamento escatológico, absolvido de toda culpa"¹²³ e a ressurreição de Cristo também foi "o primeiro ato da ressurreição escatológica", do qual o homem justificado "já" participa agora numa nova vida, "ainda não" no céu, mas nesse mundo que espera pelo ato final, pela Segunda vinda de Cristo¹²⁴.

REFERÊNCIAS

- ALAND, Barbara e Kurt et al. (Eds). **Novum Testamentum Graece**. Trad. por Eberhard e Erwin Nestle. Ed. 27. Revisada. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. Trad. e Int. de Lindolfo K. Anders. Segundo a Quinta Edição Alemã (Impressão de 1967). São Paulo: Novo Século, 1999.
- BEALLEY-MURRAY, George R. Word Biblical Commentary: **John**. Vol. 36. Waco, Texas: Word Books, Publisher, 1987.
- BEASLEY-MURRAY, George R. *βάπτω*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon

¹²¹ Gordon D. FEE, 1997, p. 221.

¹²² Cf. Gordon D. FEE, 1997, p. 374.

¹²³ George Eldon LADD, 1997, p. 510.

¹²⁴ Cf. George Eldon LADD, 1997, p. 510.

- Chown. Vol. 1. 2. Ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. Português. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- CALVINO, João. Comentário à Sagrada Escritura: **Exposição de Romanos**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Edições Paracletos, 1997.
- COOK, Randall K. A Imersão Judaica e o Batismo Cristão. In: KIRSCHNER, Estevan Frederico (Ed.). **Vox Scripturae**: Revista Teológica Brasileira. São Paulo, vol. 3, n. 1, mar./1993. p. 21-33.
- CRANFIELD, C.E.B. **Carta aos Romanos**. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- CULLMANN, Oscar. **Das Origens do Evangelho à Formação da Teologia Cristã**. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.
- DUNN, James D.G. Word Biblical Commentary: **Romans 1-8**. Vol. 38 A. Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1988.
- FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o Povo de Deus**. Trad. Rubens Castilho. São Paulo: Editora United Press, 1997.
- GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do N.T Grego/Português**. Revisado por Frederick W. Danker. Trad. de Júlio P. T. Zabatiero. 2.Ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GOPPELT, Leonhard. **Teologia do Novo Testamento**. 2. Ed. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; / Petrópolis: Vozes, 1982.
- GUELICH, Robert A. Word Biblical Commentary: **Mark 1-8:26**. Vol. 34 A. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1989.
- GUTHRIE, Donald. **New Testament Theology**. Illinois, USA: Inter-Varsity Press, 1981.
- JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no Tempo de Jesus**: Pesquisa de História Econômico-social no Período Neotestamentário. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- KAYSER, Walter C. מ. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Ed.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. 1. Ed. São Paulo: Exodus, 1997.
- LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Lucy Yamakami. 1. Ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- LINDSAY, T.M. In: BROMILEY, Geoffrey W. (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**. Vol. 1. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1979.
- LUTERO, Martinho. Do cativeiro babilônico da Igreja. In: **Obras Seleccionadas**. 2. Ed. Vol. 2. Trad. Martin N. Dreher, Ilson Kayser, Claudio Molz, Luis M. Sander. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**: Análise Lingüística e Comentário Exegético. Trad. Alberto Costa. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 1999.
- MICHAELIS, J. Ramsey. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo**: João. Trad. Oswaldo Ramos. Deerfield, Flórida: Editora Vida, 1994.
- OEPKE, Albrecht. βᾱπτω In: KITTEL, Gerhard (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Trad. Geoffrey W. Bromiley, D. Litt., D.D. Vol. 1. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1979.
- ORRU, Gervásio F. **Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

- POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: Comentário Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Lingüística do Novo Testamento Grego**. Trad. de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SCHREINER, T.R. In: BROMILEY, Geoffrey W. (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**. Vol. 3. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1979.
- STOTT, John. **Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D.S. Steuernagel. São Paulo: ABU Ed., 2000.
- TAYLOR, John B. **Ezequiel**: Introdução e Comentário. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, Mundo Cristão, 1984.
- WEINGÄRTNER, Lindolfo. **Adão, onde estás**: 110 perguntas e 109 respostas. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- WESTPHAL, Euler Renato. O Paradoxo de Lei e Evangelho em Lutero: Algumas Teses e Reflexões sobre a questão do Batismo. In: SCHWAMBACH, Claus. **Vox Scripturae**. Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, vol. 12, n. 2, 2004. p. 55-67.